



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GABRIEL ALMEIDA DE SANTIAGO

**“FLORES QUE NASCEM EM CELAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE
O CONTATO COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DE FUTUROS
DOCENTES**

FORTALEZA

2020

GABRIEL ALMEIDA DE SANTIAGO

“FLORES QUE NASCEM EM CELAS”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O
CONTATO COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DE FUTUROS DOCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação submetido ao Departamento de
Biologia da Universidade Federal do Ceará,
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciado no curso de Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Franco
Verola.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S226“ Santiago, Gabriel Almeida de.
“Flores que nascem em celas” : um relato de experiência sobre o contato como ferramenta na formação de futuros docentes / Gabriel Almeida de Santiago. – 2019.
30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Christiano Franco Verola.

1. Relato de Experiências. 2. Educação Prisional. 3. Contato. I. Título.

CDD 570

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência construído a partir das vivências de um aluno de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estudante da Universidade Federal do Ceará, ocorridas entre agosto de 2013 e junho de 2019. Neste relato, é explorada a narrativa do meu encontro com a professora e bibliotecária Jovita Alves Feitosa, que por mais de quinze anos coordenou a educação prisional no Estado do Ceará. O relato está focado nos impactos pessoais gerados por esse evento, trazendo reflexões acerca da importância do contato interpessoal como ferramenta na transformação docente. Além disso, são trazidas percepções acerca do ambiente universitário, assim como da importância das experiências na construção do indivíduo. Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso aborda experiências com o objetivo de explorar e discutir a importância do contato na vida do educador.

Palavras-chave: Relato de Experiências. Educação Prisional. Contato.

ABSTRACT

This paper presents an experience report built around the life of a Biological Sciences degree student, from the Federal University of Ceará, about the happenings occurred between August of 2013 and June of 2019. In this report, the narrative of my encounter with the teacher and librarian Jovita Alves Feitosa, who for more than fifteen years coordinated the prison education in the state of Ceará, is explored alongside with the personal impacts generated by this event, bringing up reflections about the role interpersonal contact plays as a tool in the process of teaching transformation. In addition, perceptions around the college environment are brought, as well as visions about the importance experience represents in the existence of individuals. Therefore, this Final Paper presents experiences with the objective of exploring and discussing the importance of contact in the life of an educator.

Keywords: Experiences Report. Prison Education. Contact.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 MÉTODOS	6
3 OBJETIVOS	7
3.1 OBJETIVO GERAL	7
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
4 RESULTADOS	7
4.1 O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR	7
4.2 A FACULDADE E OS PONTOS DE INFLEXÃO	9
4.3 O ENCONTRO COM DONA JOVITA	11
4.4 TRANSFORMAÇÃO E LIBERTAÇÃO ATRAVÉS DO CONTATO	12
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7 REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso nasce da ideia de explorar trajetórias pessoais como uma fonte de pesquisa, buscando promover o contato com outras realidades ou a identificação com elas a partir da narrativa de meu encontro, como graduando do curso de licenciatura em Ciência Biológicas e futuro professor, com a bibliotecária e ex-coordenadora de educação penal que impactou profundamente minha percepção sobre a docência. Nele, foram abordadas um pouco da história de cada um destes dois personagens, com o objetivo de ressaltar, principalmente, a importância que o contato exerce na formação de futuros docentes, discutindo os possíveis fatores envolvidos nesse processo.

Trazer minha história e narrativa pessoal dos eventos descritos neste artigo científico, em forma de relato de experiência, foi uma escolha que visa, além dos objetivos já citados, propor reflexões sobre a formação do professor a partir das experiências de um futuro docente, sendo os fenômenos na vida do discente e as vivências com seus antigos mestres fatores decisivos para seu futuro como educador (ALMEIDA, 2010). Segundo Freire (1996), em sua obra “A Pedagogia da Autonomia”, ele afirma:

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistiu validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 1996, p.13)

Através de perspectivas pessoais, também foram lançados olhares reflexivos sobre ambiente universitário, buscando explorar fatores adversos presentes naquele contexto, assim como as possíveis relações de antagonismo entre professor e aluno, procurando entender como eles podem se refletir na vida daqueles que almejam a carreira docente. Segundo Martins (2018, p.4), a convivência no ambiente de ensino superior é repleta de mecanismos e desafios, e que “pode-se dizer que muitas vezes tais relações estão baseadas na visão de negociação e consumo, o que em partes também gera sensação de autopoder, no sentido de controle de escolhas, ações, opiniões e porque não dizer, voz ativa”.

Também foi dada ênfase especial à história da professora, bibliotecária e ex-coordenadora Educacional do Sistema Penal Cearense, Jovita Alves Feitosa, procurando evidenciar a importância de seus feitos para a educação no nosso estado, tendo ela dedicado mais de duas décadas à educação dos detentos. Seu trabalho, marcado pela excelência, gerou

grande repercussão na época por tentar não só humanizar a condição dos encarcerados, mas também assegurar que aqueles indivíduos, posteriormente, contribuíssem com a sociedade através da educação, assim como pregava Makarenko (1933, p.255), que afirmava que “[...] era necessário educá-los de um modo novo, para que se tornassem não somente membros inofensivos e seguros na sociedade, mas para que fossem convertidos em elementos ativos de uma nova época”.

Ademais, através deste trabalho, busco deixar minha contribuição àqueles que possam se interessar pelas realidades vividas por um professor em formação, ou, também, àqueles que possam estar passando por algum tipo de aflição relacionada à carreira docente e lidando com seus próprios pontos de inflexão. O objetivo de expor minhas experiências pessoais, além dos já citados, é a explorar ideia de que outras pessoas possam ler, se identificar, discutir e empoderar-se das reflexões aqui realizadas para a construção de suas percepções, procurando fazer com que se sintam donos de suas próprias trajetórias e evocando um sentimento de liberdade pessoal que Sartre (1970) cita como ontológico e fundamental à existência humana.

2. MÉTODOS

Este trabalho consiste de um estudo de vivências, seguindo os padrões de um relato de experiência, de fatos ocorridos entre agosto de 2013 e junho de 2019, período compreendido entre início de minha graduação no curso de licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Ceará (UFC) e o término da primeira etapa dos estágios supervisionados no ensino fundamental, ocorridos na Escola Municipal de Tempo Integral Professor José Júlio da Ponte, localizada no bairro Damas na cidade de Fortaleza-CE.

O estudo orientou-se através da narrativa pessoal do meu encontro com a professora Jovita Alves Feitosa, ex-coordenadora do Sistema Educacional do Sistema Penal do estado do Ceará e então bibliotecária da escola José Júlio da Ponte, e da narração de sua história, trazendo também depoimentos de minha própria trajetória e percepções. Para a realização do estudo, foram utilizados relatos biográficos obtidos através de momentos informais de diálogo com a bibliotecária, assim como pesquisa bibliográfica e documental como metodologia de apoio para garantir a retratação mais fiel possível de sua história.

O encontro relatado ocorreu durante a disciplina obrigatória de Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I (ESEF I), do Curso de Ciências Biológicas, que consiste em uma imersão, devidamente assegurada e formalizada pela Agência de Estágios da UFC, em que alunos de graduação das licenciaturas devem vivenciar o cotidiano de escolas da rede pública de ensino. Durante aproximadamente cinco meses, os alunos matriculados nesta disciplina devem cumprir uma carga horária de trinta e seis horas (parte de um total de cem horas), divididas entre observações e regências, atuando sob a supervisão de um professor da escola e contando com a orientação do professor ministrante da disciplina.

Além disso, foram utilizadas bases teóricas existencialistas e fenomenológicas como forma de analisar, através de uma abordagem científica qualitativa, os eventos relatados neste trabalho, assim como as bases pedagógicas e construtivistas de Paulo Freire, que foram usadas como guia para construção das discussões deste estudo.

3. OBJETIVO

3.1 Objetivo Geral

Explorar, através da narrativa do encontro com a bibliotecária, Jovita Alves Feitosa, e de sua história, meu processo pessoal de redescoberta na formação docente, ressaltando, a partir de um relato de experiência sob a minha perspectiva de um aluno de graduação, a importância do contato com outros indivíduos como uma ferramenta capaz de modificar a trajetória de futuros professores.

3.1 Objetivos Específicos

- Narrar o ingresso na universidade e identificar os pontos de inflexão presentes no ambiente de ensino superior.
- Explorar a história da professora Jovita e relatar percepções pessoais acerca de sua trajetória.
- Analisar os impactos gerados pelo meu contato com a bibliotecária.

4. RESULTADOS

4.1 *O ingresso no ensino superior*

O ano de 2013, do que recordo, foi um ano bastante atípico em minha vida. Foi o período em que me vi livre da experiência inquietante que foi grande parte do meu ensino médio, que eu passei mais tempo longe dos estudos e, por fim, mas não menos importante, o ano em que ingressei na Universidade Federal do Ceará (UFC), dando início à minha graduação. Na época, já havia me matriculado no curso de Ciências Sociais, também na UFC, através do processo seletivo do SISU 2012, tendo, posteriormente, sido aprovado na lista de espera para o curso de Ciências Biológicas - Licenciatura. Sendo o curso de biologia minha pretensão inicial desde o segundo ano do ensino médio, não pensei muito antes de atender à chamada da lista, cancelando minha matrícula prévia em Ciências Sociais e adiando minha iniciação no ensino superior para o segundo semestre de 2013.

Após alguns meses desocupados e ansiosos devido à espera pelo momento em que poderia dar seguimento aos meus estudos, finalmente, em 22 de agosto de 2013, tive minha primeira aula no curso de Ciências Biológicas, sendo o semestre de 2013.2 meu primeiro como um estudante de biologia. A sensação na época era de êxtase, sentindo-me desbravar um mundo novo de possibilidades, diferente de tudo que havia conhecido nas outras etapas do ensino formal até aquele momento. A faculdade, inicialmente, me inspirava um sentimento de liberdade que nunca havia tido para administrar minhas obrigações, e, apesar de hoje reconhecer que não compreendia a importância da maioria das disciplinas que cursava no primeiro período, buscar entender aquele novo contexto me animava profundamente.

Ao mesmo tempo que foi uma fase de descobertas e crescimento, meus primeiros semestres também foram marcados por diversas quebras de expectativa, uma das maiores, sem dúvida, sendo relacionada à modalidade do curso em que almejava prosseguir. Quando ingressei na graduação em licenciatura em Ciências Biológicas no ano de 2013, minha intenção inicial era realizar a transferência interna para o bacharelado, modalidade que acreditava se encaixar melhor em meus objetivos profissionais. Não demorou para que começasse a entender que aquilo que eu acreditava e almejava na profissão de biólogo estava muito distante da realidade que se vivia nas disciplinas e no departamento, fazendo com que, aos poucos, voltasse minha atenção para a licenciatura.

Os primeiros semestres foram, sem dúvida, um grande período de ajustes que me levaram a uma mudança praticamente completa do rumo que eu viria seguir na faculdade. O estudo das teorias educacionais, do ambiente de sala de aula e das bases pedagógicas me encantou quase que instantaneamente, me trazendo um sentimento de humanidade e

satisfação que não costumava sentir em outras disciplinas. Com o tempo, fui encontrando afinidade com a ideia da docência, e, antes que pudesse perceber, já planejava me graduar na licenciatura para que algum dia pudesse ser um educador.

Hoje, reconheço que este período, que na época já me parecia ser uma das adaptações mais difíceis que havia vivido, foi uma fase de amadurecimento necessária para que pudesse prosperar perante os eventos que viriam a se desenrolar em minha vida acadêmica daquele ponto em diante. Ao contrário do que imaginava, encontrar prazer na licenciatura era somente o primeiro passo de uma caminhada turbulenta que, em vários momentos, me pareceu estar custando muito mais de mim do que deveria.

4.2 *A faculdade e os pontos de inflexão*

O período que sucedeu imediatamente a fase inicial de adaptação na universidade foi uma época marcada por confusão e dificuldades. Ainda me recordo quando, em um momento descontraído de conversa, um aluno veterano, então membro do PET, demonstrou preocupação com as elevadas taxas de abandono do curso, concentradas principalmente no período do terceiro semestre. Lembro de, na época, não ter dado muita importância a essa estatística, apesar de que, à medida que me aproximava da conclusão de meu segundo período, já começava a me perguntar se aquele realmente era o curso certo para mim.

De fato, quando tento me recordar de minha trajetória na universidade, esse foi o período em que me lembro de ter começado a sentir a inquietação que me acompanhou pela maior parte de minha graduação. O terceiro semestre parecia especialmente difícil comparado aos outros dois pelos quais já havia passado, apesar da carga de conteúdos ser essencialmente a mesma. De uma maneira diferente do primeiro e do segundo, o clima dominante era de pressão, e muitos dos docentes pareciam cobrar cada vez mais resultados inalcançáveis, sendo estas cobranças uma situação que se mostrou progressiva ao longo do curso. Me lembro de lutar constantemente contra o sentimento de inadequação, enquanto tentava dar andamento à faculdade, negando estas sensações na tentativa de impedir que elas prejudicassem meu desempenho, o que me trazia um sentimento de cansaço constante. Hoje, reconheço que a negação, ao contrário do que acreditava, não era algo que me ajudava a resistir aos sentimentos adversos, mas sim um fator de extremo risco que me fez perceber, em meu quarto semestre de graduação, que minha situação era mais séria do que imaginava.

Após uma semana exaustiva e academicamente frustrante, enquanto me vestia em meu quarto algumas horas antes de me dirigir à faculdade para a apresentação de um

seminário, fui acometido por um desespero súbito que logo foi acompanhado por tremores e um choro compulsivo. Me lembro de meu primeiro instinto ter sido o de me deitar no chão, e naquela posição, após alguns minutos, voltei a me acalmar, tendo alguns meses depois reconhecido aquele mal súbito como a primeira crise de ansiedade que já tive. Levei em torno de meia hora para me recompor e, tentando absorver tudo aquilo que acabara de acontecer, corri para o ponto de ônibus buscando ao máximo evitar o atraso. Pensei por alguns momentos em desistir do seminário, mas, segundo o professor daquela disciplina, os alunos que faltassem não teriam direito a segunda chamada, sendo atribuída a nota zero para seus trabalhos e me levando a uma provável reprovação, não me deixando escolha a não ser comparecer.

A realidade era que situações como esta, ocorrida nesta disciplina no quarto período, já eram completamente comuns àquele ponto e continuaram sendo em outros momentos ao longo de toda graduação. Foram diversas as vezes em que tive de presenciar situações em sala de aula que iam desde demonstrações explícitas de intolerância, até casos claros de abuso de autoridade, tendo diversas vezes que assistir colegas de curso sofrendo perseguição e até chegando a ser chamados de “analfabetos” em tom pejorativo. O ambiente da faculdade, em minha percepção, se tornava cada vez mais inóspito e menos parecido com o que disciplinas da licenciatura pregavam, e, com o tempo, fui me condicionando à relação entre aluno e professor soar cada vez mais como uma relação de antagonismo.

A situação das disciplinas da licenciatura também não me parecia melhor do que as outras, no geral. A sensação de humanidade que um dia senti no estudo da docência, aos poucos, foi sendo substituída por um estudo teórico frio, que me parecia objetificar os personagens do universo escolar, se tornando, gradativamente, uma violenta busca por culpados e um espaço para julgamentos de realidades que pareciam estar muito distantes da nossa. Além de tudo, parecia ser dominante em alguns docentes a mentalidade de que os futuros professores já deveriam “sofrer”, desde a faculdade, para que se acostumassem com o contexto da educação pública. Comportamento esse que, em dado momento, viria a me trazer um medo profundo do ambiente escolar. Àquele ponto, ser um educador me parecia um ofício cerceado por conceitos e imposições que distanciavam o professor de qualquer tipo de contato real em sua profissão.

A junção de todos esses fatores e contatos um tanto traumáticos, já havia suprimido qualquer ambição que um dia tivesse tido de ser professor. A convivência com certos docentes no ambiente da universidade me fazia questionar constantemente se eram aqueles mesmos valores que eu teria que personificar em sala de aula, contemplações estas que me

deixavam extremamente frustrado. Pelo menos uma vez em cada mês eu pensava em trancar minha graduação, me matriculava cada vez em menos disciplinas a cada semestre, chegando ao ponto de, em meados do sétimo semestre, me perguntar se eu iria realmente conseguir me formar no curso de Ciências Biológicas. Foi como uma forma de honrar o tempo e o esforço que já havia investido no meu ensino superior que, após o término do segundo semestre de 2018, decidi que iria empreender a energia que me restava para que pudesse concluir minha graduação de maneira menos prejudicial possível, encerrando, de vez, esse ciclo em minha vida.

4.3 *O Encontro com Dona Jovita*

Seguindo a resolução pessoal de concluir a graduação da maneira mais rápida e prática possível, no primeiro semestre de 2019 (2019.1) voltei a me matricular em diversas disciplinas, dentre elas a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I. Na época em que ingressei na turma, posso dizer que não me restava mais pretensão de seguir a carreira docente ou atuar na área da educação, estando ali somente com o objetivo de concluir o ensino superior. As experiências vividas na faculdade até aquele momento, em uma perspectiva pessoal, refletiam um lado da docência que, acima de tudo, soava limitante, desencorajador e impessoal.

Dando andamento aos estágios, providenciei o quanto antes toda a documentação necessária e, após visitar algumas instituições, através da indicação de colegas, fui direcionado à EMTI Professor José Júlio da Ponte, onde me foi dada a oportunidade de trabalhar junto à escola e conduzir meus estágios. Lá fui recebido pela diretora e pelo professor que viria a me acompanhar no período de vivência na instituição de ensino, sendo acordado que iniciaria meus trabalhos na semana seguinte, mesmo ainda sem conhecer a maior parte dos funcionários ou da própria escola.

Foi numa tentativa de me familiarizar com o ambiente em que iria atuar nos próximos meses que, logo no primeiro dia de estágio, conheci a figura que, despretensiosamente, me ajudaria a obter a clareza necessária para a resolução dos conflitos que me permeavam há anos na trajetória da minha graduação.

Após um breve reconhecimento das áreas de convivência e de alguns funcionários, fui convidado por um dos secretários a conhecer a biblioteca da escola, sendo este, para minha surpresa, um dos espaços mais frequentados pelos alunos na hora do intervalo. No dia

em questão, me recordo de estar lutando contra o cansaço de uma noite insone, fruto do nervosismo gerado pelas expectativas de como seria a convivência no ambiente escolar. Naquele ponto de minha trajetória já lidava com aquele tipo de nervosismo e perda de sono, mais vezes do que gostaria, chegando por várias vezes a me perguntar se seria capaz de lidar com todas as minhas questões para que pudesse me graduar.

Adentrei no espaço da biblioteca junto a um colega de estágio, o qual futuramente seria minha dupla na execução das regências, e fomos convidados a nos sentar junto a uma senhora que parecia escrever algo apoiada em um birô no canto da sala. O espaço era bastante pequeno e apertado, amontoado de estantes, mas ao mesmo tempo extremamente organizado. A senhora nos cumprimentou de maneira enfática, e logo que sentamos para conversar se apresentou como Jovita.

Dona Jovita, tratamento que uso para me referir a ela desde aquele primeiro momento, logo se interessou pelas nossas atividades de estágio e procurou entender um pouco do que buscávamos. À medida que explicávamos o que de fato fazíamos ali, ela compartilhava, despretensiosamente, momentos de sua vida como educadora, fazendo com que aos poucos o rumo da conversa mudasse de maneira que, em dado momento, tudo que queria era entender quem era aquela figura que acabara de conhecer.

Durante as duas próximas horas daquele dia, Dona Jovita conversou conosco sobre diversos temas que me fizeram quase esquecer o cansaço da noite mal dormida, falando de sua trajetória, da família, da sua vida no momento e de perspectivas para o futuro. Escutei tudo com encanto, prestando atenção em cada detalhe e perguntando mais e mais sempre que tinha espaço. Lembro de naquele dia chegar em casa com uma inquietação diferente que hoje reconheço como fascínio por tudo que ouvi naquelas horas de conversa, e já ali um questionamento martelava em minha mente: afinal, quem é essa pessoa e como sua trajetória a levou até ali?

4.4 Transformação e libertação através do contato

Daquele momento em diante, em toda brecha de tempo que encontrava entre as observações e regências nos estágios, prontamente me dirigia à biblioteca da escola Júlio da Ponte para conversar com Dona Jovita. Com o tempo, também tornou-se um hábito

almoçarmos com Dona Jovita, fazendo com que, muito devido à sua personalidade livre e espontânea, desenvolvêssemos com ela uma relação de amizade.

Nos meses que se seguiram, descobri que Dona Jovita, na verdade, era Jovita Alves Feitosa, a oitava de doze filhos, e que havia nascido no município de Aiuaba-CE, em 24 de junho de 1952. Filha de um fazendeiro com uma professora, nasceu prematura com somente 22 centímetros de comprimento e portadora de varíola severa. Seu nome veio justamente da sugestão de um amigo de família ex-senador federal, Olavo Oliveira Nascimento, que supôs que um nome “forte” talvez trouxesse mais chance à criança de superar as condições adversas em que nascera, sendo Jovita o termo latino para “energia”, além de uma homenagem à figura histórica cearense Jovita Feitosa, que lutou na guerra do Paraguai.

Seu pai era Raul Alves Feitosa, que além de fazendeiro, era uma figura política muito conhecida no cenário local. Me recordo de Dona Jovita contando que, apesar de acreditar que o ofício da mãe foi o que despertou sua vontade de ensinar, foi através dos trabalhos do pai na fazenda São Gonçalo, e de sua carreira política, que aprendeu o valor que as pessoas tinham e o impacto que nossas ações podem ter na vida do próximo. Quando ainda era muito nova, aos seis anos de idade, viu a figura paterna partir em campanha política para concorrer à prefeitura de Aiuaba, porém presenciava a maioria das visitas que, o pai, Raul, fazia aos eleitores. Ela me contou, entre risadas que, pelas costas do pai, negociava animais da fazenda e vários outros bens para que os eleitores dele ficassem felizes, sem saber de fato o que estava fazendo. O pai, que também contou sempre ter sido um homem apegado ao valor da palavra, pedia que intervissem e explicassem para ela que não era certo fazer aquele tipo de promessa, mas sem em nenhum momento repreender ou proibir a menina de vir junto nas campanhas.

Antes disso, aos cinco, Dona Jovita assistia da sala de casa a mãe, a professora Leonarda Do Vale Feitosa e Castro, lecionar aos menos favorecidos das redondezas que não tinham acesso à educação. Ela contou que foi ao lado dos filhos de prostitutas, detentos e de outras figuras excluídas pela sociedade aiubense que ela aprendeu a ler e escrever, criando, assim, a partir desse momento da infância, um vínculo fortíssimo com a educação daqueles em situação de maior vulnerabilidade. Sua mãe, que sempre foi tida como uma pessoa à frente do seu tempo, que além de professora era escritora, tendo três livros publicados, lhe garantiu uma cadeira na Academia Tauaense de Letras em 2005.

Além das pessoas marcantes da sua família e dos amigos, Dona Jovita sempre falou da infância com muito carinho. Foram inúmeras as vezes que ouvi sobre a menina Jovita, que não tinha medo dos bichos, da natureza e nem mesmo dos espíritos que via em sonhos. Histórias essas que sempre remetiam à minha própria infância e me faziam passar tardes inteiras mergulhando naquelas lembranças. Foram seus sonhos com espíritos quando criança, inclusive, que a aproximaram do espiritismo, doutrina esta que a acompanha até hoje. Aiuaba foi o palco de sua juventude até o momento em que, devido a riscos trazidos pelas relações políticas e inimizades do pai, sua mãe resolveu se mudar com ela e seus sete irmãos para a cidade de Fortaleza -CE.

Hoje, analisando de maneira mais precisa, acredito que entender o passado e a infância da bibliotecária é de extrema importância para compreender a pessoa que eu estava conhecendo naquele momento. À medida que os dias passavam, não só os grandes acontecimentos de sua vida que me fascinavam, mas também os pequenos detalhes, assim como sua enorme bagagem, com experiências das mais variadas. As conversas abrangiam assuntos que iam desde sua recém descoberta claustrofobia, até os empregos que teve ao longo da vida antes de chegar à docência. Um exemplo desse período foi quando trabalhou exercendo funções burocráticas no gabinete de um militar, pelo simples fato de ter lhe surgido a oportunidade, sem sequer saber que função que desempenharia. A claustrofobia, de uma maneira um tanto poética, me parecia definir bem aquela figura que desfrutava de uma liberdade tão grande que, em certa ocasião, chegou a admitir para mim, que sempre temeu a ideia de estar presa a um ambiente doméstico. A cada dia que se passava, eu enxergava em Dona Jovita, uma figura cada vez mais complexa e encantadora.

Em 1974, aos vinte e dois anos, se graduou no curso de Geografia-Licenciatura pela UFC, começando a atuar quase que imediatamente como professora em diversas instituições públicas das periferias de Fortaleza. Com o tempo, foi sentindo na prática docente a necessidade de melhor se preparar para lidar com os conflitos de sala de aula, presentes nos alunos em maior situação de vulnerabilidade. Foi na tentativa de tentar superar essas dificuldades e facilitar o aprendizado desses alunos que ingressou no curso de graduação em Pedagogia da UECE, terminando seu segundo curso de nível superior em 1988. Foi em sua segunda graduação que Dona Jovita adquiriu base teórica e prática pedagógica voltada à educação de pessoas em risco social, tendo nascido nesse período o projeto que viria a mudar sua vida.

Em 1988, quando terminou o curso de pedagogia, Dona Jovita já era mãe há quase dez anos, tendo tido sua filha Ana Clara em 1979, aos vinte e sete anos. Sua segunda graduação foi um período onde ela narrou ter passado por muitas situações transformadoras, em especial em uma disciplina de nome ‘Métodos e Técnicas da Pesquisa Pedagógica’. Em dado momento da faculdade, foi solicitado na disciplina que os alunos desenvolvessem um projeto em forma de trabalho científico com tema educacional. Dona Jovita me contou ter tido grande dificuldade para encontrar um recorte para seu trabalho, e planejava elaborar um estudo comparativo entre escolas particulares e públicas da capital fortalezense. O projeto criado logo foi desencorajado pela professora orientadora, temendo causar algum tipo de desconforto ou constrangimento aos outros professores, envolvidos no estudo ou que tivessem acesso ao trabalho. Mais tarde, no mesmo dia, após a recusa inicial da professora orientadora, a bibliotecária encontrou o tema para o seu trabalho, que acabaria desencadeando uma série de eventos em sua vida.

Atendendo a uma palestra da professora Itelvina Marly, por convite de sua orientadora, Dona Jovita resolveu que seu artigo teria como tema a educação prisional feminina. Na época, a então estudante conciliava a faculdade com o trabalho, tendo muitas vezes seus horários de estudo interrompidos pelas outras atividades existentes. No dia em questão, Dona Jovita conta se recordar de estar saindo mais cedo da palestra para se dirigir ao emprego, quando uma passagem específica da palestra chamou sua atenção. A frase em questão foi dita pela professora Itelvina Marly, que proferiu que ‘ninguém se preocupa com a garantia dos direitos da companheira presidiária’. Após ter essa revelação, voltou brevemente para comunicar à professora orientadora de seu novo tema e, ao final do dia, já estava realizando ligações para a penitenciária feminina local.

A realidade é que, desde o primeiro contato que tive com Dona Jovita no estágio, uma informação específica, dentre as diversas histórias que ela nos contava naquele momento, chamou minha atenção. A verdade era que ali, trabalhando como bibliotecária, numa sala abarrotada de estantes e livros na escola municipal José Júlio da Ponte, estava a pessoa que durante quinze anos foi a responsável pela Coordenadoria Educacional do Sistema Penal Cearense e durante aproximadamente duas décadas, uma figura marcante na educação prisional do Estado.

Foi sob a orientação da professora Maria Neide Barreira Rodrigues, que a futura bibliotecária desenvolveu o trabalho, que seria seu primeiro contato como docente no sistema penitenciário, trabalho esse que tinha como título “A oferta educacional da mulher presidiária

do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa”. O IPF Auri Moura Costa, como é conhecido hoje em dia, havia sido inaugurado em 22 de agosto de 1974 e funcionava na praça do Liceu, em Fortaleza. O presídio, que atualmente funciona em Aquiraz, serviu de palco para os primeiros questionamentos da então professora e estudante sobre a educação prisional no Ceará, como quais eram as metodologias empregadas no ensino dos detentos, como ocorriam as aulas, ou como a educação poderia transformar as vidas dos presos.

Foi durante esse processo de dúvidas e inquietações geradas pelo seu trabalho, que acabou por levar nota máxima em sua apresentação. Dona Jovita fez uma escolha no mínimo ousada, de deixar as salas de aula na periferia para atuar na penitenciária feminina em 1986. No dia específico em que ela me contou como ingressou na educação prisional, passamos uma tarde inteira falando sobre isso. Admito que recorro de ter me chocado quase que instantaneamente com aquela decisão. Não por não acreditar na força do gesto de Dona Jovita, ou que ela não pudesse fazer algo significativo para aquele contexto, mas pela maneira que minha percepção sobre a docência havia se construído até aquele instante.

Em vários momentos, apesar das diversas ocasiões na faculdade em que ouvi sobre como poderíamos fazer a diferença sendo futuros professores e professoras, me senti sendo preparado para um mundo de personagens ausentes. Foram inúmeras as vezes em que, em momentos de aula na faculdade, ouvi julgamentos pré-fabricados sobre como a escola pública em sua totalidade é um universo de descaso, sendo atribuído, inclusive, parte da responsabilidade disso aos colegas docentes que atuam nela. Até aquele momento, não sei se por comodidade de minha parte ou pelo cansaço constante em que vivia, eu não possuía o hábito de contestar ou sequer de me questionar sobre essas visões que me eram passadas em sala de aula sobre o ambiente escolar, chegando várias vezes a me assustar imaginando o quão difícil poderia ser meu primeiro contato profissional com uma instituição de ensino.

Foi a partir das vivências proporcionadas pelos estágios e do contato com a bibliotecária e professora Jovita, que comecei a desconstruir essa imagem imprecisa e um tanto maldosa que havia sido cultivada em minha mente. Ao ouvir a história de Dona Jovita, à medida que me fascinava, ela também me abria os olhos para o fato de que todas as pessoas envolvidas no ambiente educacional tem voz, nome e história, e contribuiu para que hoje eu perceba o ambiente acadêmico universitário como um ambiente que muitas vezes se encontra distante da sociedade, falhando em estar em contato com a realidade das escolas. Com o tempo, passei a observar que muitas das críticas refletiam, inclusive, o próprio ambiente em que estava estudando.

Após sua decisão de levar educação a presídios femininos e da insistência da então professora com as autoridades da época para tornar aquilo possível, foi passando por uma sucessão de processos burocráticos que Dona Jovita conseguiu o contato do então secretário de educação da época, que foi quem, apesar da relutância, a autorizou a formar sua primeira turma. Sua primeira classe, que era constituída por algo entre 20 a 25 alunas, foi o ponto de partida na descoberta por sua paixão pela educação de detentos, sendo a classe marcada pela heterogeneidade de histórias, contextos, personalidades e rostos.

A mesma heterogeneidade que fez com que ela se apaixonasse pelo ambiente de sala de aula prisional, também proporcionou obstáculos que a bibliotecária descreveu como transformadores em sua carreira como educadora. Assim como na educação pública, seus primeiros momentos no ensino dos encarcerados foram marcados por dificuldades, levando à conclusão que nenhuma de suas graduações nunca a preparou para lidar com tal contexto. Foi se aprofundando nas bases teóricas da educação construtivista, em especial nas obras de Paulo Freire, que Dona Jovita, com o auxílio e mais uma vez a orientação da Professora Maria Neide Barreira, tentou se adaptar às adversidades recém descobertas nesse novo universo. Após um processo longo e aprofundado de pesquisa e reflexão, ela conta ter chegado à conclusão de que sua adaptação não viria dos livros, mas sim da própria convivência com as encarceradas e de sua habilidade de também aprender com elas.

Com o tempo, sua persistência em levar educação de qualidade para a penitenciária feminina Auri Moura Costa começou a repercutir entre as autoridades da instituição e as próprias detentas. A popularidade fez com que o número de encarceradas interessadas em estudar crescesse a cada semana que se passava e os casos de abandono entre as alunas já presentes na sala de aula caísse vertiginosamente. Dona Jovita, que me narrou suas primeiras experiências na educação prisional com um visível carinho, atribui seu sucesso na penitenciária feminina ao contato que ela tinha com suas alunas e à busca para entender as necessidades de cada uma. Como regra, ela sempre tentava mostrar o poder emancipador que a educação pode ter na vida de uma detenta, seja possibilitando que elas escrevessem cartas para suas famílias ou até que registrassem suas experiências para que um dia pudessem publicar seus próprios livros. Como ela comentava frequentemente, era preciso dar uma educação que tivesse significado para quem estivesse sendo educado.

Não demorou para que o trabalho de Dona Jovita começasse a repercutir fora do presídio feminino, chamando atenção de grandes nomes do sistema estatal da época e de outras instituições penitenciárias. Foram seus resultados surpreendentes, no ano de 1988 na

penitenciária Auri Moura Costa, que a levaram a ser convidada pelo diretor da época do IPPOO I, José Bento Laurindo de Araújo, a integrar parte de sua equipe e implementar seu modelo educacional em uma sala de aula no Instituto Penal Professor Olavo Oliveira I. Sem hesitar em nenhum momento, a bibliotecária e então professora aceitou mais este desafio, começando a visitar o presídio pouco tempo depois de ter recebido o convite.

Para pessoas que convivem ou já tiveram a oportunidade de conversar com algum educador ao longo da vida, talvez seja um tanto comum ouvir muitos deles falarem de seus alunos com um certo carinho, sempre levando em conta as experiências compartilhadas no ambiente escolar. O caso de Dona Jovita, ao meu ver, era diferente. Até aquele momento, eu nunca havia presenciado um docente falar com tanta paixão sobre as figuras com quem dividia o ambiente de sala de aula, característica esta que ficava evidente sempre que ela contava histórias dos encarcerados. O que eu sentia, à medida que a bibliotecária me apresentava casos de seus alunos, era que ela enxergava em cada rosto daquelas narrativas um universo a ser explorado, e que sempre se deixava levar pelo que era compartilhado por eles. Foram inúmeras as histórias que ela me contou sobre seus ex-alunos do IPPOO I, e em cada uma delas sempre parecia haver algo de especial.

As tardes na biblioteca da escola municipal Júlio da Ponte, através das histórias daquela figura que sempre conseguia me fazer querer passar horas escutando casos atrás de casos, foram gradualmente mudando a maneira que eu encarava a docência. Com o tempo, notei que, da mesma forma que a realidade dos alunos da então professora a movia e, também, modificava sua percepção sobre o mundo que a cercava, sua história pessoal e profissional estava mudando a mim. A vida de Dona Jovita como um todo parecia uma grande aventura, e em algum sentido eu sabia que também queria algo daquele tipo para minha própria vida. De repente, ser professor não parecia mais algo limitante, mas uma possibilidade de me conectar com uma quantidade infinita de histórias e me deixar navegar por elas, deixando que elas me marquem e procurando sempre contribuir com a realidade dos indivíduos que as estavam compartilharem comigo. Naquele momento, percebi que uma parte de amar o próximo é, acima de tudo, saber ouvir.

Dona Jovita contou que sua recepção no IPPOO I foi extremamente calorosa, e que a excelência do seu trabalho no presídio feminino já repercutia entre os detentos do Instituto Penal Professor Olavo Oliveira I, pois muitos deles eram companheiros das suas alunas da penitenciária Auri Moura Costa. Essa repercussão, segundo ela, facilitou seu trabalho de maneira que ela pudesse usar todas as ferramentas necessárias para implementar um novo

modelo educacional que havia planejado. Até aquele momento, o Instituto Professor Olavo Oliveira não contava com a presença de um professor e muito menos de qualquer tipo de aula, fazendo com que ela tivesse de se adaptar a esse novo contexto, averiguando o nível educacional de cada detento interessado. A bibliotecária relatou que vários deles, para a sua surpresa, possuíam ensino superior e médio, e alguns eram detentores, inclusive, de conhecimentos variados que iam desde a fluência em línguas estrangeiras até o domínio de habilidades manuais, como costura e artesanato. Foi a partir do estudo daquele ambiente, com o auxílio de um dos detentos, que previamente já havia feito um levantamento da escolaridade dos colegas de reclusão, que Dona Jovita criou e implementou, com a permissão do juiz Aldemar Mendes Bezerra, seu consagrado sistema de monitorias no IPPOO I, modelo esse que, mais adiante em sua história, geraria consequências drásticas em sua carreira.

O sistema de monitorias consistia na divisão dos alunos em pares, onde os monitores, sendo indivíduos com um nível de escolaridade maior, auxiliavam os colegas em momentos extraclasse e dentro de sala, buscando promover um nivelamento da turma e dar oportunidade de um ensino imersivo e de qualidade àqueles que tiveram menos acesso à educação. Contando com detentos de nível médio e superior, estudantes de áreas como medicina, direito e agronomia, o sistema foi um sucesso absoluto, sendo mais tarde, em 2009, a atividade regularizada na resolução n. 3, de 11 de março, do Ministério da Justiça, afirmando que detentos com o perfil de formação adequados poderiam atuar como monitores no processo educativo.

Para a década de 80, o modelo desenvolvido e implementado por Dona Jovita tinha um caráter revolucionário na educação prisional, contexto esse que, muitas vezes, carecia de diversos fatores para que sequer existisse. Na época, a professora relatou que a quantidade de docentes interessados em dar aulas em presídios no estado do Ceará era quase inexistente, e que muitas entidades viram aquele modelo como uma maneira de suprimir, em parte, esta carência de profissionais. Foi levando esta gama de fatores em conta que, ao final dos anos oitenta, a excelência e o compromisso social do trabalho de Dona Jovita chamaram a atenção do então Secretário de Justiça e Cidadania, Paulo Carlos Silva Duarte, e do Secretário de Educação do Estado do Ceará, Antenor Manoel Naspolini, e, através de um convite formal, a nomearam para exercer a função de Coordenadora Educacional do Sistema Penal do Estado.

Àquele ponto da narrativa de sua história, já me parecia natural que seu trabalho chamasse a atenção de entidades cada vez maiores, sendo estes fatos contados por ela com a

simplicidade de quem não parecia fazer questão de nenhum crédito envolvido em seus feitos. Para um ouvinte desavisado, o fato de alguém com um currículo tão único não se gabar de suas façanhas poderia gerar estranheza, mas na época eu já sentia que compreendia a postura da bibliotecária perante a própria história. Já próximo ao período de término do primeiro estágio supervisionado, após um almoço pacífico e pouco antes do horário da primeira aula da tarde, eu já estava próximo de encerrar a conversa com Dona Jovita e me dirigir para ministrar uma de minhas últimas regências, quando casualmente perguntei, em tom de brincadeira, de onde a bibliotecária tirava tanta coragem para encarar todos os desafios que ela enfrentou em sua carreira como docente. Ela, sem pensar muito, me deu uma resposta que, à primeira vista, pode parecer simples, mas que, na época, me rendeu dias de reflexões. Com sua maneira sempre segura de falar, ela me disse o seguinte: “Eu sempre fui apaixonada por aquele mundo da educação em presídios. Então as coisas que eu fiz, antes de tudo, eu fiz por mim.”

Aquela frase só confirmava que, de fato, eu já entendia a postura da bibliotecária perante suas conquistas. Dona Jovita, naquele momento, se tornou para mim a prova viva da força que os gestos pessoais podem ter quando nos deixamos mover por aquilo que nos desperta paixão. Àquela altura, nenhuma profissão ou carreira me parecia de fato limitante, a partir do ponto que sua trajetória me mostrava que cuidar de nossos interesses pode ser um passo crucial para moldar nossa própria história e construir ambientes melhores.

Os quinze anos que se seguiram na história de Dona Jovita, como coordenadora da educação de encarcerados no estado do Ceará, podem ser resumidos como uma década e meia de sucessos. As ações dela contemplavam a criação de salas de aula em diversos presídios, programas de especialização para detentos e a organização de eventos regionais para discutir a educação prisional. Como a então coordenadora, sua gestão possibilitou que o estado do Ceará alcançasse a surpreendente marca de 56% da população carcerária presente nas salas de aula construídas em mais de 65 instituições no estado. Em maio de 2008, após vinte e dois anos dedicados à busca por prover educação de qualidade àqueles que são vistos como última prioridade em nosso sistema, Dona Jovita decidiu, aos cinquenta e seis anos, deixar a coordenadoria Estadual e a educação em presídios para que pudesse se concentrar em cuidar de sua saúde, voltando a lecionar na educação infantil. Alguns anos depois, após um mal súbito enquanto trabalhava, foi obrigada a deixar o ambiente de sala de aula, sendo remanejada e passando a se dedicar à função de bibliotecária, também na educação pública.

Cheguei ao final da disciplina Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I ainda sem entender o que, de fato, havia acontecido comigo nos quase cinco meses de vivências na EMTI Júlio da Ponte, mas já era capaz de afirmar, com toda certeza, que me sentia um indivíduo completamente diferente daquele estudante angustiado que outrora fui. Era nítido como, pela primeira vez em anos, eu me sentia novamente um indivíduo repleto de propósito, que era capaz de encontrar prazer no caminho da docência e prosperar perante as adversidades que ainda estavam por vir. Tentando traduzir de maneira pessoal, as vivências na escola e, principalmente, o contato com Dona Jovita haviam me possibilitado recuperar o fôlego que havia perdido após anos me afogando em dúvidas e desânimo. Naquele momento, eu me sentia, acima de tudo, vivo.

A realidade era que, assim como o primeiro contato da bibliotecária com a educação prisional, aquela experiência, em um primeiro momento, havia me trazido muito mais questionamentos do que respostas. O encontro com a professora abriu meus olhos para um mundo de reflexões e possibilidades que, devido à constante imersão em um contexto que me desencorajava, eu falhava em enxergar. Por que alguém com o perfil profissional e trajetória de Dona Jovita havia sido remanejada para aquela pequena biblioteca em uma escola municipal? O que leva uma figura docente a agir como antagonista daqueles que, na verdade, deveriam estar sob seus cuidados? Quais eventos específicos no depoimento da bibliotecária sobre sua história me fizeram recobrar minha ambição pela docência? Essas eram somente algumas das questões que ocupavam minha mente naquele período. A verdade é que, apesar de não ter sido capaz de responder muitos desses questionamentos, eles eram fruto de uma experiência que havia não só recobrado meu interesse pela educação, mas transformado drasticamente a maneira que eu encarava a docência.

A história de Dona Jovita me fez acreditar que cabia, essencialmente ao indivíduo, construir seu perfil de educador, sendo imposições acadêmicas ou de quaisquer outras naturezas um fator contraproducente para o docente e para o próprio sistema educacional. Sua trajetória como um todo, considerando seus percalços, dúvidas e sucessos, me fez entender que a maioria das respostas que um professor procura vão estar no contato, seja com alunos, funcionários, com outros professores ou até mesmo com a escola. Ser docente passou a significar, acima de tudo, um trabalho de adaptação, em que um bom educador deve se adequar ao perfil de seus alunos e procurar entender suas realidades para prover uma educação de qualidade.

Ainda sem saber que voltaria a estagiar na EMTI Professor José Júlio da Ponte, durante o intervalo do recreio, me dirigi à biblioteca da escola pela última vez naquele semestre para me despedir da bibliotecária, professora e ex-coordenadora, que naquele ponto era, sobretudo, uma amiga querida. Mais uma vez encarei o espaço apertado da biblioteca abarrotada de alunos, cena que já não era mais tão surpreendente quanto havia sido no começo do estágio, e os vi discutindo quem levaria “Cuore” para casa naquela semana, um dos livros favoritos da bibliotecária, que ela havia convencido alguns alunos a ler e que acabou se tornando uma febre na escola. Vendo aquela cena, entendi que talvez, Dona Jovita, tivesse nos indivíduos daquela escola o mesmo efeito que teve em mim.

Puxei uma cadeira para me sentar junto a seu birô e logo perguntei sobre o que, afinal, se tratava aquele livro. A bibliotecária, com um sorriso de quem esperava há tempos aquela pergunta, prontamente me respondeu que se tratava de um clássico que retrata o diário de um jovem italiano ao longo de um ano letivo, descrevendo muitos costumes da Itália do século XIX e que, se lido com cuidado, apesar de retratar valores antigos e um sentimento de nacionalismo característico da época, era uma ótima leitura para os alunos da escola, pois falava das relações interpessoais e sobre aquilo que nos une. Hoje, analisando tudo que aconteceu, me faz bastante sentido que um de seus livros favoritos seja sobre relações interpessoais. Ao final da conversa, revelei à bibliotecária sobre minha redescoberta nos últimos meses, e da importância que sua história teve neste processo, sendo esta ocasião uma das primeiras vezes em que vi a professora emocionada. Reclamei, em tom de brincadeira, dizendo que se ela tivesse surgido antes em minha vida, tudo teria sido mais fácil, gesto que Dona Jovita respondeu da maneira que sabia melhor: com uma sonora risada e um abraço forte.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisar os eventos ocorridos ao longo da graduação e dos cinco meses de estágio supervisionado é um trabalho em que se faz necessário o estudo das percepções pessoais acerca dos fatos expostos, e, acima de tudo, é um esforço para entender como tais percepções podem modificar crenças, comportamentos e ideias. Seguindo esse raciocínio, tais “fatos” podem ser compreendidos como Fenômenos, que, dentro do estudo da Fenomenologia, consistem em tudo aquilo que aparece para a consciência, sendo a existência de todas as

coisas, necessariamente, uma aparição para determinada consciência (LOURENÇO, 2018). Ainda sobre este conceito, Ewald (2008, p.152) afirma que o fenômeno, apesar de se apresentar de forma particular perante à percepção de cada indivíduo, se consolida como fato, pois ele “[...] é aquilo que é manifesto, aquilo que aparece, e a consciência é sempre consciência intencional, isto é, sempre consciente de alguma coisa”.

Tendo delimitado esses conceitos, é possível definir os eventos, narrados a partir de minha perspectiva pessoal, em minha trajetória como estudante e meu encontro com a professora Jovita como uma série fenômenos gerados pelo contato entre indivíduos com trajetórias e percepções diferentes, demonstrando de maneira clara, ao longo deste relato, como o contato com outros personagens é capaz impactar de diversas maneiras um indivíduo. Como consequência desse raciocínio, também é possível traçar um paralelo com os fenômenos vivenciados por Dona Jovita, que em diversos momentos de sua vida foi exposta a eventos e pessoas que se apresentaram como agentes modificadores de sua história, evidenciando o fenômeno como um elemento de interseção entre percepções e que têm o potencial de moldar trajetórias, sendo a educação, assim como a formação do futuro docente, um fator intrinsecamente ligado às relações humanas (FREIRE, 1996).

As diversas mudanças e pontos de inflexão citados neste trabalho, assim como meu processo de redescoberta, por sua vez, remetem a uma reflexão que investiga a própria existência do indivíduo como fator essencial para sua compreensão, sendo entender o sujeito como um ser construído a partir de suas vivências um preceito considerado básico pela corrente filosófica do Existencialismo, em que o estudo deve partir da subjetividade antes de qualquer abordagem comportamental (SARTRE, 1970). Ainda refletindo sobre a subjetividade envolvida nos processos de mudança, Moreira (2014, p.2) afirma que:

Esse processo é diverso em cada indivíduo, porque depende de como o sujeito realizará a apropriação das experiências da vida de relações, de acordo com as mediações concretas do mundo, presentes na história de vida de cada um, resultando num saber-de-ser que é singular-universal, onde encontramos a inteligibilidade de uma época, que se organiza numa inteligibilidade específica, a do ser daquele sujeito. (MOREIRA, 2014, p.2)

À luz da fenomenologia existencial, é indispensável observar nos eventos narrados ao decorrer desse trabalho que as vivências desempenham um papel crucial no desenrolar das histórias, agindo sobre a subjetividade de cada sujeito, sendo elas responsáveis pela

construção dos personagens e pelas transformações que os mesmos sofrem. Também é possível observar, a partir do estudo de trajetória pessoal presente nesse artigo, como o contato com outros indivíduos pode se configurar como uma ferramenta capaz de reescrever trajetórias, não através do descarte das subjetividades assimiladas em experiências passadas, mas sim através da ressignificação das mesmas. É preciso reconhecer que o momento de redescoberta na carreira docente não haveria existido sem que antes tivesse me deparado com os pontos de inflexão presentes durante o período da graduação, e que talvez meu contato com a Bibliotecária tivesse ocorrido de maneira diferente. Portanto, é importante ressaltar que este pensamento de forma alguma busca enaltecer o sofrimento do futuro docente como forma de preparação, mentalidade disruptiva com a qual tive de conviver em grande parte de minha formação, mas sim como uma tentativa de refletir sobre o indivíduo como uma construção complexa, o qual a trajetória deve ser entendida como um todo para que sejam exploradas suas subjetividades. (LOURENÇO, 2018)

O ambiente universitário, no que lhe concerne, se mostrou um espaço propício a conflitos de diversas naturezas, onde as figuras docentes muitas vezes exercem o papel não de tutores no processo de aprendizado, mas sim de figuras de autoridade, que usam ferramentas como o assédio moral para proteger seus interesses e reafirmar sua posição de domínio. Nele, é possível observar a construção hierárquica como uma medida corporativista, que age como um mecanismo de defesa sobre a perpetuação dos poderes, fazendo com que esse ambiente, acima de tudo, seja marcado pela impunidade. (RODRIGUES, 2014)

Além disso, através do relato, é possível observar as repercussões desse tipo de abuso de autoridade como um fator que se reflete diretamente nas condições daqueles que convivem no ambiente universitário, muitas vezes trazendo risco à integridade mental e física dos alvos desse tipo de prática. O assédio moral pode ser considerado um dos grandes fatores que contribuem para as altas estatísticas de abandono no ensino superior (RODRIGUES, 2014), e ele pode se manifestar de diversas formas, como agressões físicas, verbais, ameaças, acusações, comentários preconceituosos, tratamentos discriminatórios ou uso inadequado de recursos pedagógicos (SANTOS, 2019). É importante ressaltar, ainda, que a prática de assédio moral é ilícita, e, de acordo com o projeto de lei 4742/ de 2001, aprovado pela Câmara dos Deputados, se configura como crime com pena de detenção de um a dois anos, carecendo ainda de aprovação do Senado.

A história de Dona Jovita, por sua vez, traz reflexões que transcendem o nível de subjetividade e questionam diretamente a condição do indivíduo e, conseqüentemente, do professor no modelo atual de sociedade. Mesmo após quinze anos de contribuição à educação penal cearense, como coordenadora de ensino em presídios, a condição atual da professora, apesar de ela ter admitido ser capaz encontrar prazer na função de bibliotecária, reflete o conceito de descarte compreendido na Modernidade Líquida de Bauman (1999), que em vários pontos se aproxima da Educação Bancária de Freire (1986) e onde Silva (2018, p.9) consolida um elo entre esses dois estudiosos, afirmando que “[...] a força ideológica imprimida na realização do projeto social, que se tornou mais visível no plano econômico, produziu e continua produzindo um número impressionante de refugos, pessoas descartadas, pessoas que não se encaixam no projeto”.

Sua trajetória na educação prisional também abre espaço para entender o ambiente penitenciário como um espaço marcado pela heterogeneidade, que, na maioria das vezes, a sociedade falha em reconhecer como um ambiente humano. O relato de Dona Jovita, que em muitos momentos reflete o universo prisional como uma realidade de descaso, evidencia a mentalidade recorrente de que a prisão é uma espécie de “mal necessário”, do qual a sociedade não pode abdicar, e que, muitas vezes, o detento não é visto como um ser digno de receber educação (OLIVEIRA, 2013). Além disso, a história da professora também mostra os desafios enfrentados pelo educador que atua nesse contexto, repleto daqueles em maior situação de vulnerabilidade, sobre os quais, novamente, Oliveira (2013) reflete na seguinte passagem:

A oferta da educação escolar nas prisões possui grandes desafios, o principal deles, o de oferecer o ensino a jovens e adultos de acordo com as suas especificidades, pois eles são caracterizados pela riqueza da diferença de cultura e classe social, geralmente oriundos da camada mais pobre da população, na sua maioria formada por pessoas de pele negra, desempregados, dependentes químicos, analfabetos, enfim, os excluídos socialmente. (OLIVEIRA, 2013, p. 185)

Ademais, é possível refletir sobre a prática docente da professora Jovita, como uma poderosa ferramenta de transformação daqueles ao seu redor e dos ambientes em que ela esteve presente, remetendo, mais uma vez, ao conceito existencialista das subjetividades (SARTRE, 1970) e de como a professora sempre buscou compreendê-las para que pudesse melhor se relacionar com as pessoas e entregar uma educação de qualidade. A partir do

exemplo da bibliotecária, é possível estabelecer uma relação entre a boa prática docente e as relações interpessoais, em que o professor é um agente integrado a um meio, devendo sempre procurar oferecer novas reflexões e possibilidades a seus alunos. Saravali (2004) define que:

Dessa forma, o aluno é o centro do processo, mas não se pode esquecer da interação, da relação entre o sujeito e o meio que desencadeia as múltiplas equilíbrios e reequilíbrios individuais. O professor, nesse processo, como parte integrante do meio, é aquele que abre ou fecha oportunidades, que cria ou não possibilidades de ação, que desafia ou não o pensamento; portanto, tem um papel essencial. (SARAVALI, 2004, p.32)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo, foi possível constatar de maneira clara o papel único que o contato e as vivências exercem na vida de um futuro docente, e de como, através deles, o mesmo é capaz de se apropriar de novas realidades, conhecer novos personagens e estar exposto a eventos que tem o potencial de alterar suas percepções e, por consequência, sua trajetória. A narrativa do meu encontro com a professora Jovita mostrou que é através das relações interpessoais e das conexões com outras histórias, mediadas pelo mundo que nos cerca, que o indivíduo tem a oportunidade de se transformar e ressignificar experiências que outrora foram consideradas negativas para sua construção, evidenciando o contato como uma ferramenta essencial na vida do educador.

Além disso, o ambiente universitário se mostrou um espaço propício a possíveis conflitos ou pontos de inflexão, necessitando que sejam investigados a fundo em estudos posteriores quais os fatores envolvidos na formação dos professores e alunos ali presentes e porque eles podem se converter em relações antagônicas, buscando averiguar como se estrutura o contato entre docente e discente nesse tipo de ambiente.

Também foi possível explorar a história pessoal e profissional da professora Jovita, e a partir dela, levantar questionamentos e discussões sobre temas como a construção do professor, a complexidade das trajetórias pessoais e o destino do docente quando o mesmo não está mais em condições físicas de exercer sua profissão. A vida da bibliotecária se mostrou um valioso manifesto não só àqueles que buscam entender as realidades presentes

na vida de uma educadora experiente, mas também se configura como uma perspectiva única sobre a educação prisional a partir das vivências de uma pessoa que dedicou mais de vinte anos de sua carreira à educação de detentos, deixando um legado memorável para o estado do Ceará.

Por fim, para a realização de trabalhos futuros, acredito que seja pertinente evidenciar as experiências de outros educadores e pretendentes à docência que, assim como eu, lidaram com experiências adversas e conviveram com a desilusão até que em, algum ponto de suas trajetórias, pudessem se redescobrir na carreira docente. A partir do estudo comparativo de diversas trajetórias, será possível entender de maneira mais precisa como se configuram os pontos de inflexão, as subjetividades envolvidas em cada relato e a maneira como as histórias se relacionam umas com as outras, buscando traçar possíveis cenários e estratégias como uma forma de auxiliar na carreira de futuros professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gunther Carlos Feitosa de. **Experiência e prática docente: diálogos pertinentes**. 2010. 1 p. Monografia (Doutor em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd150/experiencia-e-pratica-docente-dialogos-pertinentes.htm>. Acesso em: 8 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 76 p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

MARTINS, Mariana Domitila Padovani. **Relações Líquidas no Cotidiano do Ensino Superior: Uma análise das relações entre professores e alunos**. 2018. 16 p. Monografia em Colóquio (Mestra em Comunicação e Cultura) - Pós-graduação da Universidade de Sorocaba/UNISO e FGV, [S. l.], 2018. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Gmgn_OTI-Q4J:www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/view/11203/0+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 8 out. 2020. *

MAKARENKO, Anton. Osadchi. *In*: MAKARENKO, Anton. **Poema Pedagógico**. 1. ed. [S. l.]: Omegalfa, 1935. v. 1, cap. 13, p. 113-120. Disponível em: <https://omegalfa.es/autores.php?letra=&pagina=14#>. Acesso em: 8 out. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é Um Humanismo**. 4. ed. Paris: Vozes de Bolso, 2014. 24 p. Disponível em: <https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/existencialismo-c3a9-humanismo-sartre.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

SOARES, Carla Poennia Gadelha; VIANA, Tania Vicente. Educação em Prisões no Cenário Cearense: Entre a História e as Memórias de Jovita Alves Feitosa. **LES: Linguagens, Educação e Sociedade**, Piauí, n. 34, p. 120-144, Jan-Jun 2016. *

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICA CRIMINAL E PENITENCIÁRIA - CNPCP. **RESOLUÇÃO Nº- 03, DE 11 DE MARÇO DE 2009**. [S. l.], 11 mar. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10028-resolucao-3-2009-secadi&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 8 out. 2020

LOURENÇO, Silmara Silveira; MENDONÇA, Viviane Melo de. **A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis diálogos**. 2018. Dissertação (Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018. DOI <https://doi.org/10.20396/rfe.v10i3.8653268>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8653268>. Acesso em: 15 out. 2020.

EWALD, Ariane P. **Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos**. 2008. Tese (Pós-Graduação em Psicologia Social) - UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200002. Acesso em: 8 out.

MOREIRA, Janine; ROSA, Marisa S. Thiago. **EDUCAÇÃO LIBERTADORA E LIBERDADE EXISTENCIALISTA: UM ENCONTRO ENTRE PAULO FREIRE E JEAN-PAUL SARTRE**. 2014. 6 p. Artigo Acadêmico (Doutora em Psicologia) - UNESC, [S. l.], 2014. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3509/1/FPF_PTPF_01_0432.pdf. Acesso em: 8 out. 2020.

RODRIGUES, Miriam. Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem sua ocorrência. 2014. Dissertação (Doutora em Educação) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rio de Janeiro, 201. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512014000200008. Acesso em: 11 out. 2020.

SANTOS, Patrícia Menezes dos. **ASSÉDIO MORAL NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS JURÍDICAS**. 2019. 15 p. Monografia (Graduanda do curso Bacharelado em Direito) - UFPA, [S. l.], 2019. Disponível em: <http://direitopenaledemocracia.ufpa.br/wp-content/uploads/2019/02/PATR%c3%8dCIA-MENEZES-Ass%c3%a9dio-moral-no-%c3%a2mbito-universit%c3%a1rio-e-suas-consequ%c3%aancias-jur%c3%addicas.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº 4742/2001, de 25 de maio de 2001. NOVA EMENTA: Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar o assédio moral. [S. l.], 11 out. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=28692>. Acesso em: 11 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 107 p. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 8 out. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Trabalho. *In*: MODERNIDADE Líquida. [S. l.]: Zahar, 1999. cap. 4, p. 150-193. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXkYWxpZ2VvYmlibGlvdGVjYXxneDo2NjI3NWl4MDg1MTAxNDI4>. Acesso em: 8 out. 2020.

SILVA, Clemildo Anacleto; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; SILVA, Samia Rayra Santos; SILVA, Ricardo Pereira. **Aproximações entre a concepção de educação popular em Paulo Freire e a crítica à sociedade líquida em Zygmunt Bauman**. 2018. 12 p. Artigo Científico (Mestre em Educação) - Centro Universitário Metodista, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/EDH/article/view/576>. Acesso em: 8 out. 2020.

OLIVEIRA, Leandra Salustiana da Silva; ARAUJO, Elson Luiz de. A EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS PRISÕES: UM OLHAR A PARTIR DOS DIREITOS HUMANOS. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 7, p. 177-191, 1 maio 2013. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/633>. Acesso em: 11 out. 2020.

SARAVALI, Eliane Giachetto. **Contribuições da teoria de Piaget para a formação de professores**. 2004. 20 p. Artigo Acadêmico (Doutora em Educação) - UNICAMP, Campinas, 2004. Disponível em: [https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10393/ssoar-
etd-2004-2-saravali-
contribuicoes_da_teorias_de_piaget.pdf;jsessionid=399FABA9EA02DF2A4E8658EC6A72
2D80?sequence=1](https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10393/ssoar-etd-2004-2-saravali-contribuicoes_da_teorias_de_piaget.pdf;jsessionid=399FABA9EA02DF2A4E8658EC6A722D80?sequence=1). Acesso em: 8 out. 2020.